

NENHUMA CPI FARÁ APARECER A VERDADE NUA E CRUA

Alain Mouzat

O que há de comum entre Monica Lewinsky, Rosane Collor, Valérie Trierweiler e muitas outras? São mulheres que de alguma forma romperam as aparências denunciando os compromissos sobre os quais se faz a sociedade dos homens. Ao contrário das CPIs que parecem mais próprias para tentar cerzir o rasgo que ameaça expor o Rei nu, a mulher, graças a sua convivência com a mascarada, tem uma grande familiaridade com um tipo de verdade, e sabe apontar o obsceno atrás da cena. Pouco importa que seus arrotos de verdade sejam instrumentados pelo Partido Republicano, a Globo, ou a oposição política ao Partido Socialista na França. Alguns já lhes atribuem motivações: interesses escusos, sede de fama... mas, ela não precisa disso: quando lhe é intolerável, ela fura o véu que de alguma forma recobre o *status quo* sobre o qual repousa a convenção social masculina. Sem cálculo das consequências. A verdade, para ela, está sempre associada ao buraco: o fundo do poço do qual ela, verdade, sai, ou a boca-da-verdade na qual ninguém enfia a mão sem tremer.



(A Princesa e o plebeu)

www.audreyhepburn.it Audrey Hepburn em *Roman Holiday*

Qual é a ameaça?

É que a verdade é sem fundo, e que não se pode pensar em toda dizê-la.

Na sua Introdução ao *Gaio saber*, escreve Nietzsche:

« Não acreditamos mais que a verdade permanece verdade sem seus véus; vivemos demais para acreditar nisso. Fazemos agora uma questão de decência de não querer ver tudo nu, de não assistir a tudo, de não procurar tudo ‘saber’ ». “É verdade que o Bom Deus está em toda parte ? perguntava uma garotinha a sua mãe. Acho isso indecente”. Talvez as CPIs nos dêem a meia-verdade que queremos.